

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



VAMOS FALAR SOBRE SEXO? A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.

Enilson Ferreira da Silva Júnior¹

Resumo: A sexualidade humana permeia todos os seguimentos sociais e o ambiente escolar não é diferente. Ela está presente no comportamento dos alunos, nas roupas, nas danças durante as atividades recreativas, no silêncio ou posicionamento dos professores sobre o assunto, nas pichações dos banheiros, nos apelidos, nas brincadeiras, nas piadas, enfim, a sexualidade se manifesta na cultura escolar de maneira intensa e vibrante. Para algumas escolas mais tradicionais, o sexo representa ainda a velha ideia de perigo e nocividade aos alunos, um sexo transmissor de doenças, de gravidez indesejada, vergonha, culpa e atividade moralmente errada. Para a implementação de um plano de ação que contemple a educação sexual, a escola primeiramente deve trabalhar para a reformulação de seu estilo pedagógico, adotando uma abordagem libertária e emancipadora, possibilitando a orientação para a redução de danos sociais e autonomia dos jovens estudantes.

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Escola. Adolescência.

1. Introdução

A sexualidade se manifesta em todas as fases da vida, e em cada fase se apresenta de forma única trazendo consigo seus próprios dilemas e prazeres. Na infância e adolescência é onde as principais dúvidas se iniciam. As perguntas começam simples. Por volta dos cinco anos costumam ser: "de onde nascem os bebês?", "porque papai tem o pipi maior que o meu?" E vão se sofisticando ao longo do amadurecimento físico e cognitivo do jovem: "Quantos espermatozoides são expelidos numa ejaculação?", "Por que as mamas doem durante o período menstrual?". Essas perguntas chegam à escola e muitos professores não estão tecnicamente preparados para oferecer respostas satisfatórias. A falta de respostas da escola aumenta a confusão dos alunos, fazendo com que busquem respostas em meios não confiáveis como na internet ou entre seus pares.

Embora muitas escolas ainda que na melhor das intenções, tentem oferecer um espaço para informação sobre sexo, o fazem de maneira muito discreta, voltando seu conteúdo para o ensino de uma sexualidade biologicista e cheia de jargões médicos. Talvez, porque é mais confortável para esta falar de hormônios do que falar sobre desejos, falar de preservativos do que falar de orientação

1 Universidade Regional do Cariri, email: enilsonpsi@gmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



sexual, e é mais adequado expor informações do que escutar angustias e preocupações.

O educador sexual e a escola devem estar preparados para encarar todo tipo de tema que emerge entre os alunos e não selecionar assuntos mais “apropriados”, e isso se dá a partir da elaboração de um Projeto Político-Pedagógico plural e democrático, que promova uma escola libertária e emancipadora, que proporcione um plano de intervenção em educação sexual para jovens entre 14 a 17 anos, dividido em oficinas e com pautas escolhidas pela própria comunidade escolar.

Para isso propomos uma intervenção pedagógica que terá o objetivo central a criação de um espaço de escuta e debate sobre questões de natureza sexual, com oficinas que abordarão temáticas como identidades grupais, conceito do ser adolescente na pós-modernidade, saúde sexual, métodos contraceptivos, abuso e violência sexual, lgbtfobia, diversidade sexual e de gênero.

Entendemos que a escola é um espaço para a ciência e discussão de ideias. A sexologia é uma ciência que se nutre de conceitos da biologia, sociologia, psicologia e da filosofia. Portanto, seu lugar também é na escola junto com outras disciplinas que servirão de apoio na formação humanística do estudante.

Um jovem ao desenvolver seu intelecto e ampliar suas interações sociais em um ambiente desprovido de tabus, preconceitos e aberto ao livre debate de pensamento, torna-se um cidadão consciente e aberto ao diálogo e ao respeito. É por isso que a escola não deve abster-se quando desafiada pela comunidade escolar a falar sobre sexo. Ao favorecer um clima democrático para a discussão desse tema, a escola ganha uma rica oportunidade de contribuição para uma sociedade menos sexofóbica e mais pluralista.

2. Objetivo

Problematizar o ensino da educação sexual nos currículos escolares e propor uma metodologia para se abordar o tema.

3. Metodologia

Para o alcance dos objetivos destacados, utilizou-se à pesquisa bibliográfica, possibilidade metodológica no qual se pode analisar de forma ampla o conhecimento científico acumulado sobre o problema. De acordo com Boccato (2006) a pesquisa bibliográfica tem como finalidade o entendimento de uma problemática, utilizando-se de referenciais acadêmicos publicados em revistas e anais da internet, explorando e analisando diversos trabalhos científicos apresentados. Para Salomon (2004) três dimensões dividem a pesquisa bibliográfica: *Fase de preparação*: Se destina a identificar e localizar as informações; *Fase de realização*: Desenvolve-se o fichamento do texto; *Fase de comunicação*: Expõe-se o artigo científico em canais impressos e eletrônicos.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



Para embasar teoricamente este trabalho, foram realizadas pesquisas em artigos científicos através do portal de periódicos da CAPES.

4. Resultados

As discussões sobre sexo e sexualidade se darão em pequenas oficinas, esses encontros serão baseados em características escolares emancipadoras que promovam a participação ativa e ampliem o debate em toda a comunidade escolar.

O primeiro passo é que partindo do pressuposto de que a escola é um ambiente democrático e centralizado no diálogo, desenvolve-se uma investigação exploratória para avaliar as principais demandas e dúvidas dos alunos referentes ao tema sexualidade. Os assuntos devem ser do interesse próprio dos alunos e não da direção da escola.

Utiliza-se uma caixa fechada em um local de visibilidade para coleta, papel e caneta para os alunos escreverem suas dúvidas e sugestão de trabalhos. A participação dos alunos ajudará na elaboração do conteúdo programático. O público alvo desse programa seriam jovens entre 14 a 17 anos.

Os próprios professores facilitariam essas rodas de debate, que seriam divididos por temas específicos e contemplariam oito encontros que chamaríamos de *oficinas*, cada encontro teria um tema e duração de 50 minutos, ocorrendo uma vez por semana.

Embora a demanda parta principalmente da comunidade escolar, a escola também pode sugerir pautas e caso aceitas coletivamente, poderiam seguir um roteiro estabelecido previamente no projeto político pedagógico.

Recursos didáticos utilizados: Bexigas, lápis de cor, cartolina, revistas, tinta, cola, música, recursos audiovisuais como TV, DVD, Projetor.

Como já destacados, os temas seriam agrupados conforme solicitados pelos alunos. Eles são sujeitos participantes que propõem a agenda de cada oficina. Didaticamente, apresentaremos oito pautas que poderiam ser acolhidas ou não pelo grupo.

Oficina 1: Identidade grupal e expectativas- Estabelecimento de vínculo grupal. O foco seria estabelecer contato entre o facilitador e o grupo de modo positivo; apresentação de cada pessoa, possibilitando a individualização dentro do coletivo. Dúvidas seriam recolhidas em uma “caixa de perguntas” anônima.

Oficina 2: Regras para Manejo do Grupo– Elaboração conjunta de regras para o trabalho em grupo (SERRÃO E BALEEIRO, 1999) objetivando o respeito na expressão de sentimentos, opiniões e dúvidas que o tema da sexualidade possa trazer. **Oficina 3:** Sexo versus Sexualidade–Discussão sobre as diferenças entre sexo e sexualidade. É necessário que jovem não confunda o termo sexualidade

e sexo, desenvolvendo uma consciência do sentido social da sexualidade na cultura. **Oficina 4:** A adolescência na Pós Modernidade– Discussão sobre a adolescência como um fenômeno cultural, no entendimento de que ela foi formada pela sociedade dentro de determinado contexto histórico e de acordo com as necessidades que foram surgindo ao longo do tempo (MASCAGNA, 2009), em oposição ao conceito de puberdade, compreendida como um aspecto

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: “Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais”



humanamente biológico. **Oficina 5: Saúde Sexual** – Discussão sobre o funcionamento fisiológico humano; uma atividade motivadora abordaria os termos apropriados (pênis, testículos, clitóris, grandes lábios, masturbação, orgasmo, esperma e relação sexual), para entender a linguagem dos alunos e corrigi-los (FIGUEIRÓ, 2006). Abordaria as zonas erógenas e resposta sexual humana, utilizando gravuras e animações. **Oficina 7: Vida Sexual ativa e Gravidez na Adolescência**– Discussão sobre as responsabilidades de se ter uma vida sexual, a iniciação sexual deve ser espontânea e consciente. Discutem-se métodos contraceptivos e a implicação da virgindade com os valores familiares, religiosos e culturais. Gravidez na adolescência, métodos contraceptivos. **Oficina 8: Diversidade Sexual e de Gênero** – Discussão sobre valores normativos para homens e mulheres na cultura brasileira. O gênero como um dispositivo construído socialmente; considerações sobre a educação sexista a partir da infância (SOUZA, 2006). Sensibilização sobre homossexualidade, bissexualidade e transexualidade, destacando os padrões vigentes de heteronormatividade.

5. Conclusão

Ao contrário do que o senso comum imagina, falar de sexo na escola não “incentiva os alunos a transarem”. Na verdade, a sexualidade na vida dos sujeitos já está instaurada desde seu nascimento e os acompanhará até a velhice. Não se planta na cabeça dos jovens uma semente que ali já existe. O debate sobre sexualidade tem o propósito de promover a prevenção de doenças, gravidez indesejada, entender o funcionamento anatômico do corpo humano e, sobretudo construir indivíduos desprovidos de todas as formas de preconceito. A família ainda é o principal veículo formador, mas a escola pode fazer parte desse processo de construção humana na qualidade de agente pedagógico.

6. Referências

BOCCATO, V.R. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. de odontológica da Universidade da Cidade de São Paulo*, 18 (3), 265-274, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. *Revista Linhas (UDESC)*, 7(1), 21, 2006.

MASCAGNA, G. C. Adolescência: Compreensão histórica a partir da escola de Vigotski. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2004.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



SERRÃO, M. & Baleeiro, M. C. Aprendendo ser e a conviver (2a ed.). São Paulo: FTD, 1999.

SOUZA, F. C. (2006). Meninos e meninas na escola: um encontro possível? Porto Alegre: Zouk, 2006.